

CLÍNICA VIGOTSKIANA

FRAGMENTOS E CONVITE AO DIÁLOGO

Achilles Delari Junior



CURITIBA
01 a 04 de Outubro de 2006

DELARI JUNIOR, Achilles. **Clínica vigotskiana**: fragmentos e convite ao diálogo. Produção independente. Curitiba: 2006.

Palavras-chave: psicologia clínica, teoria histórico-cultural, Vigotski
(Circulação restrita)

Trabalho redigido em Curitiba nos dias 01, 02 e 03 de outubro de 2006, e apresentado no dia 04 no departamento de psicologia da UFPR. Este material tem finalidades estritamente didáticas, é de divulgação restrita, e passará por revisões posteriores. Sua redação contou com apóio técnico e sugestões críticas de Camilo Prata, a quem agradeço pela colaboração, a um só tempo, meticulosa e generosa.

SUMÁRIO

1) CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DESTE TEXTO	02
2) RELATO DE EXPERIÊNCIAS COM A OBRA DE VIGOTSKI.....	04
2.1) 1987-2001 (15 ANOS EM SOBREVÔO).....	04
2.2) 2002-2006 (5 ANOS EM MAIS DETALHE).....	05
a) clínica com crianças no CAPS	05
b) clínica com crianças no Programa Sentinela	07
c) clínica com adultos em consultório particular.....	09
3 APONTAMENTOS PARA SISTEMATIZAÇÃO TEÓRICA	10
3.1) BASES METODOLÓGICAS (META-TEÓRICAS)	10
a) objeto: consciência.....	10
b) princípio explicativo: relações sociais	10
c) unidade de análise: palavra significativa.....	11
d) modo de proceder: método genético	11
3.2) CHAVES PSICOLÓGICAS (TEÓRICAS).....	12
a) o problema do diagnóstico	12
b) o patopsicologia de Bluma Zeigarnik	13
c) o problema das emoções	14
d) o problema do inconsciente	17
4) A INTERPRETAÇÃO NO HORIZONTE DA DIALOGIA	18
SOBRE O AUTOR	19

1) CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DESTE TEXTO

“Ele [Vigotski] não era um psicólogo infantil, mas um psicólogo que se tornou cada vez mais interessado no problema teórico do desenvolvimento, o qual o levou a estudar a diversidade cultural, patologia cerebral e outras disciplinas. Por inclinação ele era um psicólogo teórico. Na prática, seu trabalho aplicado dava-se mais em *settings* clínicos.”

Valsiner e Van der Veer (2000, p. 339)

Este breve texto, mais ao modo de um ensaio e de um plano de estudos do que de um discurso estritamente técnico, corresponde, como seu título indica, a um primeiro convite ao diálogo sobre um tema que logra ser de interesse comum ao autor e aos seus interlocutores diretos no curso de psicologia da Universidade Federal do Paraná. Convite, logo proposição – e não imposição de uma verdade já dada, a ser tão apenas transmitida. Diálogo, logo aberto à interlocução e à constituição partilhada e díspar de sentidos – e não fechado à estrutura interna do que aqui explicitamente ou implicitamente se pronuncia. Na constituição desse convite a um diálogo, cabe elucidar ao leitor, de início, algumas essenciais condições de produção do texto: (1) o lugar social do qual fala o autor em sua trajetória profissional; e (2) a específica situação social de interlocução na qual o texto cumpre sua função discursiva primeira.

Sobre a primeira condição, “o lugar social do autor”, deve-se dizer apenas que minha trajetória profissional envolve bem mais tempo de estudo da obra de Vigotski (desde 1987) do que de atuação ou reflexão sobre a clínica (desde 2002). No Brasil tal obra, quase sempre, na prática esteve mais relacionada à “psicologia educacional” (em grande parte dos estudos), tanto quanto à “psicologia social” (numa parte menor parte dos estudos), do que à chamada “psicologia clínica” (praticamente nenhum estudo até bem pouco tempo). Embora não se possa dizer exatamente o mesmo com relação ao que ocorreu na própria União Soviética e/ou em países, como Cuba. No caso do Brasil, salvo algumas exceções, a apropriação das obras de Vigotski, principalmente no campo pedagógico, deu-se prioritariamente pelo viés da recepção norte-americana. Os dois primeiros livros de Vigotski publicados no Brasil (Formação Social da Mente e Pensamento e Linguagem, nessa ordem), e que permitiram uma difusão mais ampla de seu

VALSINER, J. VAN DER VER, R. **The social mind**: construction of idea. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

pensamento para além dos círculos acadêmicos mais restritos, apareceram só a partir de 1984 e não são mais que traduções de duas obras publicadas antes nos Estados Unidos – com todo o viés ideológico e epistemológico que isso implicava.

Por falta de acesso, por exemplo, ao modelo cubano de saúde pública e saúde mental, tanto quanto pela falta de domínio da língua russa, somados à tomada de uma atitude crítica frente ao modelo hegemônico das práticas clínicas em psicologia e psicoterapia em nosso país, não vim a refletir sobre a possibilidade de trabalhar em clínica senão a partir do momento em que, por conta das próprias vicissitudes de minha história profissional/pessoal, deparei-me com a necessidade de fazer uso dela em benefício de minha própria saúde. Novos campos de relação e/ou de “interação” social, caso se prefira, abrem simultaneamente novas possibilidades de interpretação do real e de atuação sobre ele. Assim, do profissional/pessoal para o pessoal/profissional, deparei-me com a possibilidade de uma clínica vigotskiana, ao necessitar de uma clínica, qualquer que fosse, não havendo então uma “vigotskiana” à qual recorrer. E quando logrei trabalhar em clínica, como uma nova possibilidade de inserção profissional e atuação social, não detinha, como ainda não detenho, uma estrita sistematização científica do tema em termos vigotskianos ou “histórico-culturais”, se preferir-se.

Dada esta condição de produção, o presente texto não pode deixar ter ainda a natureza de uma formulação incipiente de questões específicas surgidas ao longo de quatro anos de reflexão e atuação em psicologia clínica, a partir de um referencial teórico geral apropriado ao longo de mais tempo. Somemos então, a isso, para que se tire um melhor proveito do que vai escrito aqui, outra condição de produção relevante, embora demande menos tempo para serem explicitadas: a da “situação social” específica para a qual o texto foi produzido e na qual ele cumprirá seu objetivo e sua função semiótica primeiros.

A situação social a que nos referimos é a de um encontro informal entre o autor, no lugar de ex-aluno da Universidade Federal do Paraná, com colegas estudantes de quinto ano, sua professora supervisora da mesma instituição e demais interessados na mesma temática. Qual seja: a das condições de possibilidade de formularem-se ao menos os rudimentos do que viria a ser uma interpretação nossa, voltada à realidade brasileira, sobre quais seriam as contribuições de Vigotski e seus colaboradores e seguidores, para uma prática clínica “individual” e/ou “grupala”, “curativa” e/ou “preventiva”, “privada” e/ou “pública”, pauta nos princípios éticos e políticos, epistemológicos e técnicos proporcionados pela abordagem teórica em psicologia fundada ou, pelo menos, proposta programaticamente, por este autor e seus colaboradores, e posteriormente

desenvolvida em diferentes frentes e vertentes em todo o mundo por diferentes pesquisadores e/ou profissionais. Nesse sentido, dada a informalidade do encontro, justifica-se aqui a natureza provisória e incipiente do texto, suas lacunas, seu caráter fragmentário, quase que de um “pré-projeto de pesquisa”, ou mais propriamente de um “roteiro de estudos”, para um possível seguimento posterior junto a este mesmo grupo, ou outro(s) com interesses afins, caso haja desejo disso.

2) RELATO DE EXPERIÊNCIAS COM A OBRA DE VIGOTSKI

“El que tenga una canción tendrá tormenta
El que tenga compañía, soledad
El que tenga un buen camión tendrá sillas
Peligrosas que lo inviten a parar
Pero vale a la canción buena tormenta
Y a la compañía vale soledad
Siempre vale la agonía de la prisa
Aunque se llene de sillas la verdad.”

Silvio Rodriguez (Historia de una Silla)

2.1) 1987-2001 (15 ANOS EM SOBREVÔO)

As informações que seguem abaixo não serão detalhadas em grupo, nem têm um interesse maior nesse momento. Servem apenas para constar, no sentido de permitir visualizar, de relance, a relação entre o tempo e o trabalho dedicado a cada temática na minha experiência com a abordagem vigotskiana – a qual só pode ter relação com as condições sociais de sua produção ao longo dos anos.

1987-1989	Est. teo. em Vigotski (biografia e conceitos de base) – UFPR
1990	Est. teo. em Vigotski + licenciatura – UFPR
1991	Est. teo. em Vigotski + estágio psi. educ. + gr. de estudos IMAP.
1992-1994	Est. teo. em Vigotski + docência Estado + assessoria e consultoria
1995-1996	Est. teo. em Vigotski + mestrado em educação – Unicamp
1996-2001	Est. teo. em Vigotski + docência ens. superior - Unimep
1998-2000	Est. teo. em Vigotski + trabalho educacional com crianças do MST
2001	Mudança de cenário.

2.2) 2002-2006 (5 ANOS EM MAIS DETALHE)

2002	Docência + clínica com crianças no CAPS (4 casos)
2002-2003	Docência + clínica com crianças no Programa Sentinela (n casos)
2005-2006	Docência + clínica com adultos em clínica particular (2 casos)

a) clínica com crianças no CAPS: Hipócrates, Heráclito e bom senso

Hipócrates

Diz o chamado pai da medicina que ao médico cabe “curar, se possível, ao menos não danar”. Então comecei meu trabalho com esse primordial imperativo: cuidar para não “hiatrogenizar”, não gerar patologia por conta do próprio tratamento.

Heráclito

Heidegger mostra em seu belíssimo livro sobre o pensador originário grego, o dialético materialista Heráclito, que este homem de Éfeso constituiu seu pensamento sob os signos do fogo e do jogo. O fogo pela fricção, choque que gera luz e calor, e o jogo, entre outros motivos por apreciar a brincadeira das crianças.

Heráclito era criticado por, como filósofo, gostar de olhar as crianças brincando. Ora, um filósofo “devia se ocupar de coisas importantes como a *pólis*.” Nesse momento de minha trajetória eu vinha migrando de meu interesse e atuação direta na *pólis*, no seio de movimentos sociais como a Consulta Popular e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, para uma atuação clínica que recorria fundamentalmente ao jogo infantil – como prática semiótica que pode gerar um “salto para o futuro”, criando uma “zona de desenvolvimento proximal” (metáfora vigotski de uso corrente). De fato já com as crianças do MST eu havia me inclinado para os problemas do jogo, mas no contexto de um “espaço popular de educação e cultura” chamado “Ciranda da Terra” – onde montamos, equipamos e demos seguimento aos trabalhos de uma brinquedoteca em pleno assentamento de reforma agrária – mesmo que, além das próprias crianças – poucos entendessem qual fosse a importância daquilo na luta por uma *pólis* mais democrática, ou senão “menos perversa” como disse Paulo Freire em Curitiba em 1992.

Bom senso

Tendo em mente basicamente as orientações de Hipócrates e Heráclito, além do conhecimento anterior sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem numa abordagem histórico-cultural, restava-me ainda a necessidade de contar com um mínimo de bom senso (não exatamente como “senso comum”, mas como o que está no núcleo racional do senso geral), para organizar minha ação. Nesse sentido creio que o trabalho prático se organizava, nesse momento, em três eixos simultâneos (diagrama 1), mas que recebiam ênfases distintas no curso do tempo (diagrama 2) durante as relações mediadas próprias do processo terapêutico, quais sejam: (1) acolhida; (2) diagnóstico; (3) intervenção. Sendo a ênfase posta em “1” no momento inicial de estabelecimento de vínculo, em “2” num momento intermediário de “mapeamento” da queixa e do potencial de desenvolvimento das crianças e em “3” num momento posterior de intervenção (stricto sensu) ainda que, em nenhum momento, deixe de haver intervenção (lato sensu).

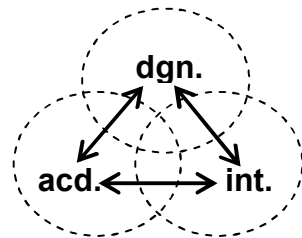


DIAGRAMA 1 - Entrelaçamento entre três aspectos do trabalho terapêutico: acolhida (acd.); diagnóstico (dgn.); intervenção (int.)

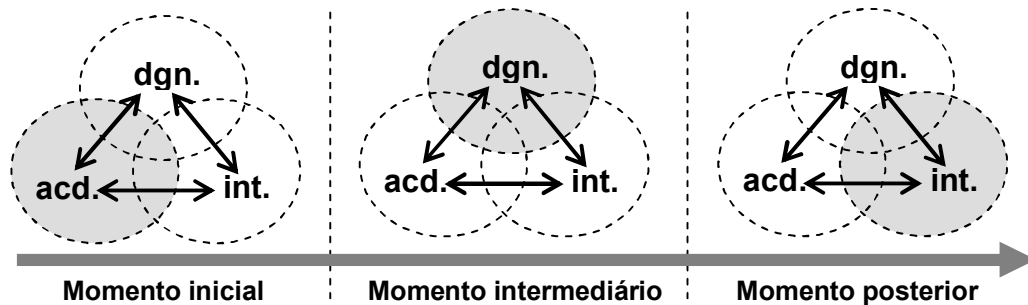


DIAGRAMA 2 – Mudança de ênfase entre os aspectos do trabalho terapêutico no tempo.

Nesse sentido de preservar o bom senso, ou de extraí-lo da experiência acumulada em outras áreas, procurei trabalhar a partir da necessidade de: (1) realizar uma boa acolhida, como materialização do valor ético inalienável de respeito à condição humana em suas dores e suas possibilidades pessoais-sociais, como que partindo do princípio ao qual Marx era simpático, de que “sou humano, e nada do que é humano eu considero alheio a mim” (Terêncio); (2) ver e conduzir o diagnóstico não como rotulação ou enquadramento da dinâmica e da situação vivida pela pessoa numa matriz descritiva e quase matemática de sintomas, síndromes e quadros, mas sim como processo de conhecer “atravessando a realidade” – passando por ela de um lado ao outro (“dia” = “que vai de um lado ao outro”; e.g.: “diâmetro = medida de um lado ao outro”; diálogo, etc); (2) ver e conduzir a intervenção como processo dialógico, e/ou como processo semioticamente mediado, o que implica em ambas as terminológicas numa relação social onde todos os envolvidos são ativos.

b) Clínica com crianças no Prog. Sentinela: Adorno, silêncio e palavra

Adorno

Uma frase de impacto do pensador da Teoria Crítica frankfurtiana, Theodor Adorno, fez-me lançar um outro olhar sobre a máxima de Hipócrates, quando o primeiro diz que “se não há cura, aprofunda o diagnóstico”. Mantendo a acolhida, não deve haver pressa em intervir se não se está certo se a intervenção não causará mais mal do que bem. Sendo o trabalho do Programa Sentinela todo voltado ao atendimento de crianças que sofrem violência de diferentes modalidades e que, portanto traziam desde o início uma possível ou efetiva história de sofrimento, o mínimo que se poderia exigir do tratamento era que não se aumentasse a dor já instalada, que não se procurasse abrir, sob a desculpa de fazer a assepsia, uma ferida que não se pudesse de fato sanar.

Silêncio e palavra

Ocorre que havia uma demanda no Programa, de acordo com diretrizes teóricas e metodológicas nacionais de que atuássemos contra o chamado “pacto do silêncio”, em função de crítica presente no campo dos estudos sobre a violência doméstica que indicava que o psicólogo não deve compartilhar com o silêncio que se estabelece em torno da violência cometida, no mais das vezes visando proteger o

agressor. Pois, a partir dessa orientação, em parte com base em conceitos psicanalíticos, entende-se que se não se fala e não se lembra não há cura. Ora, nessa linha de pensamento, à qual reconheço como em parte correta, para haver trabalho terapêutico em direção da cura, ou de ao menos amenizar a dor, é preciso falar e lembrar, lembrar e elaborar.

Contudo, a tarefa posta ao psicólogo ser agente de ruptura com o dito “pacto do silêncio”, colocou-me a pensar nas conseqüências hiatrogênicas de se tentar fazer, a todo custo, com que as crianças falassem da agressão sofrida e indicassem/denunciassem seus agressores, para serem tomadas as devidas medidas. Isso nos colocava numa estranha posição de potenciais “detetives”, quando não “investigadores” ou “peritos”. De modo que nessa época redigi um texto em que questionava esse problema que coloquei nos termos de um dilema “entre o pacto do silêncio e a coerção da palavra” - crítica minha de que o psicólogo não deve impor a palavra e a memória, impor ao outro que diga sobre sua dor e lembre-se dela, pois a que isso se destina? Recentemente: como bem me lembrou o Camilo a partir de Bakhtin: “um fascismo tão temível quanto o de proibir que se fale, é o de obrigar que se fale” (paráfrase minha). Fala sim, memória sim: necessárias, constitutivas, inalienáveis, mas não sob coerção, não como uma nova forma de violência. A seguir apresentarei alguns fragmentos de casos nos quais trabalhei nesse programa e que virão de forma cifrada em função da regra de sigilo, os quais comentarei oralmente em espaço apropriado.

Caso 1 (C1) – sujeito 1 (S1): masc. 9 anos.

Palavras de outros:

- ↪ “Gerado de um estupro” (mãe)
- ↪ “Agredido fisicamente pela mãe” (conselho tutelar)

Enunciado chave:

- ↪ “Por que aqui dentro o tempo passa mais rápido?” (S1 em sessão)

Caso 2 (C2) – sujeito 2 (S2): fem. 14 anos.

Palavras de outros:

- ↪ “Promíscua” (conselho tutelar)
- ↪ “Com DST” (médica)

Enunciado-chave:

↪ “Graças a Deus” (S2 em sessão)

Caso 3 (C3) – sujeito 3 (S3): masc.; 9 anos.

Palavras de outros:

↪ “Agrediu sexualmente outro menino” (conselho tutelar)

Cena chave:

↪ Brincando de pescaria e de cozinha (S3 e Achilles em sessão)

c) Clínica com adultos em consultório particular

Aqui não apresentarei casos, por falta de tempo e por não ser meu objetivo nesse momento estabelecer e/ou explorar distinções entre a clínica com adultos e com as crianças, sendo a básica a de que a linguagem verbal acabou hegemonizando o trabalho com adultos e adolescentes enquanto no caso das crianças o verbal se entrelaçava de modo mais evidente para mim com as mediações próprias da brincadeira.

Sobre a proposta de trabalho nesse momento, no sentido das vozes às quais eu recorria, veja-se o anexo 1. Trata-se um folheto explicativo que formulei numa linguagem intermediária entre a técnica e a de divulgação, uma vez que certa clientela advinha do meio universitário, estudantes ou egressos, muitas vezes pedia esclarecimentos à secretária da clínica quanto à “abordagem” adotada pelo profissional.

VER ANEXO 1

3 APONTAMENTOS PARA SISTEMATIZAÇÃO TEÓRICA

3.1) BASES METODOLÓGICAS (META-TEÓRICAS)

Entendo que a construção de uma prática clínica pautada numa abordagem histórico-cultural e/ou sócio-histórica deva pautar-se nos mesmos princípios metodológicos, no sentido que vigotski atribui a palavra metodologia (isto é, ciência do método ou epistemologia), nos quais a proposta geral se pauta. Tendo isso em mente, selecionei quatro conceitos meta-teóricos próprios ao discurso vigotskiano com os quais pude trabalhar em outro lugar e que aqui trarei apenas de forma esquemática: objeto de estudo; princípio explicativo; unidade de análise; e modo de proceder a análise (sendo os três primeiros termos do próprio Vigotski, e o quarto uma categorização minha para nomear algo que está nesse autor).

a) objeto: consciência

Para Vigotski, diferentemente dos comportamentalistas, a consciência é o objeto de estudo da psicologia. Tanto quanto, para ele, diferentemente dos mentalistas, a consciência não explica tudo nem explica a si mesma, mas ao contrário, como objeto de estudo, demanda um estrato da realidade do qual seja função e que permita explicá-la. A razão principal de Vigotski defender a consciência como objeto de estudo da psicologia é o fato dela ser o que, por excelência, há de propriamente humano em nosso psiquismo. Por consciência entenda-se basicamente “conhecimento partilhado” (soznanie), processo indissociavelmente cognitivo (consciência de alguma coisa) e afetivo (consciência de alguém), reflexo e refração da realidade. E como um movimento não ontologizável, isto é, que não tem existência própria: a consciência é o homem consciente.

b) princípio explicativo: relações sociais

Como eu disse, para Vigotski, o “princípio explicativo” de um objeto de estudo é definido como “o estrato da realidade do qual este objeto é função”. E do que se pode deduzir de textos como as anotações de 1929, depois nomeadas “psicologia concreta do homem” nos estados unidos e “manuscrito de 1929” no Brasil, o princípio explicativo da consciência para Vigotski são as relações sociais. A consciência, objeto diretamente inacessível ao pesquisador senão como introspecção, pode ser estudada mediante as relações sociais das quais ela é função.

c) unidade de análise: palavra significativa

Contudo, Vigotski não esgota sua análise meta-teórica nos conceitos de “objeto de estudo” e “princípio explicativo”, explicitados no livro “O significado histórico da crise da psicologia”. Outro conceito importante e complementar é o de “unidade de análise”. Vigotski, no intuito de contribuir para que viesse a ser escrito “O Capital” da psicologia, dizia que seria preciso operar como Marx, partindo de uma unidade concreta que contivesse em si as mesmas contradições do todo ao qual pertence e que metodologicamente representa. A unidade para o pensador alemão, na análise da economia política, partindo da natureza do valor, seria a mercadoria. A unidade de análise da psicologia para o estudo da consciência seria para Vigotski o “significado da palavra”, a “palavra significativa”, ou tão somente “palavra” – pressupondo que não há palavra sem significado. A palavra seria um fenômeno tanto do pensamento quanto da fala, e, dito de outro modo, tanto da consciência quanto das relações sociais. Veja-se a seguinte formulação do próprio Vigotski, que considero essencial para meu trabalho:

"A consciência se reflete na palavra como o sol em uma gota de água. A palavra está para a consciência como pequeno mundo [microcosmo] está para o grande mundo [macrocosmo], como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o cosmo. Ela é o pequeno mundo da consciência. A palavra consciente [significativa] é o microcosmo da consciência humana" (VIGOTSKI, 2001, p. 486)

d) modo de proceder: método genético

Além de tomar o significado da palavra como unidade de análise, uma contribuição fundamental de Vigotski, e inédita até seu tempo, foi a de formular a proposição de que o significado da palavra se desenvolve, isto é tem uma gênese. Se o significado da palavra tem uma gênese, o modo de operação do signo o tem, a relação entre “processo de pensamento” (michlenie) e “fala” (rietch) o tem, e assim, portanto a consciência tem uma gênese social. O princípio metodológico posto é o que só se pode abordar corretamente um objeto de estudo mediante a compreensão de sua história, posto que “só em movimento um corpo mostra o que é” (Aristóteles). Segundo alguns estudiosos há quatro planos ou domínios genéticos entrelaçados abordados pela obra de Vigotski: a filogênese, a história social, a ontogênese e a microgênese. Não nos cabe detalhá-los aqui. No entanto, de fato são relevantes para o trabalho do psicólogo clínico – sobretudo os três últimos, creio eu.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

3.2) CHAVES PSICOLÓGICAS (TEÓRICAS)

a) o problema do diagnóstico

Desde os termos que coloquei já como derivados do bom senso, entendo que o diagnóstico é peça fundamental do trabalho terapêutico. Contudo para avançar é preciso tratar a questão de modo mais elaborado do que aquele que deriva do simples bom senso. Nesse sentido um trabalho interessante e elucidativo é o texto “Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância difícil” (publicado no tomo 5 das obras escolhidas, dedicado todo basicamente à defectologia). Apenas citarei a problematização feita por Vigotski como um convite a um estudo posterior do próprio texto, e mais como formulação do problema do que como produção de contribuições para solucioná-lo:

“Faz vários anos, no campo prático, me coube dirigir um consultório pedológico para crianças difíceis junto com um especialista clínico psiquiatra. Foi trazido à consulta um menino dificilmente educável, um menino de oito anos que recém havia começado a ir à escola. Na escola se manifestava com particular agudez as peculiaridades de sua conduta, que já haviam sido notadas em casa. Segundo o relato da mãe, o menino apresentava imotivados e violentos ataques de irascibilidade, arrebatamento, ira e cólera. Neste estado, podia ser perigoso para quem o rodeava, podia jogar uma pedra contra outra criança, podia abalanzarse sobre alguém com um cuchillo. Depois de interrogar a mãe, a deixamos partir, nos consultamos entre nós e a convidamos de novo para comunicar-lhe os resultados de nosso exame. “Seu filho – lhe explicou o psiquiatra – é epileptóide”. A mãe, cheia de ansiedade, começou a escutar atentamente. “Que significa isto?” – perguntou –. “Isso significa – lhe explicou o psiquiatra – que o pequeno é irado, excitável, irascível, que quando se irrita, ele mesmo não compreende que pode ser perigoso para os demais, que pode jogar uma pedra contra as crianças, etc.” A mãe, desiludida, objetou: “Tudo isso acabo de contar eu”.

Este caso é memorável para mim; obrigou-me, pela primeira vez, a refletir com toda seriedade acerca do que obtêm os pais ou os pedagogos que trazem as crianças à consulta, nos diagnósticos e respostas dos especialistas. Tenho que dizer francamente que obtêm muito pouco, em ocasiões quase nada. O mais freqüente é a questão se limita a que a consulta os devolve seu próprio relato e sua observação, dotada de certos termos científicos, como ocorreu no caso do menino epileptóide. E se os pais, ou os professores não se

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo 5. Madrid: Vysor Aprendizage y Ministério de Educación, 199_.

encontram sob a hipnose destes termos científicos, não podem deixar de ver que, na realidade, foram enganados. Se os tem dado o mesmo que se tem recebido deles, mas se o tem provido de um brilhante rótulo, a maior parte das vezes em uma língua estrangeira incompreensível” (Vigotski, Tomo 5, Obras Escogidas, p. 276-277)

Todo o restante do texto é um esforço de Vigotski por sistematizar as principais etapas a serem galgadas pelo clínico pedológico no processo de produção de um diagnóstico que supere as dificuldades apresentadas no episódio descrito acima.

b) a patopsicologia de Bluma Zeigarnik

Penso que qualquer prática clínica tenha que haver-se, em algum momento, com o tema da psicopatologia. Tema, de todo modo, correlato ao do diagnóstico – ao qual acabamos de nos referir. Fernando Rey, psicólogo cubano, tem destacado a precariedade dos modelos diagnósticos estritamente descritivos como o DSM e o CID. Em leituras ainda bastante incipientes tenho me deparado com o trabalho da colaboradora de Vigotski, Bluma Vulfovna Zeigarnik (1900-1988), particularmente sua “Patopsicologia” como alternativa concreta aos modelos hegemônicos em nossa realidade social. Identifico pelo menos quatro diferenças fundamentais entre a psicopatologia ocidental dos grandes manuais diagnósticos e a patopsicologia russo-soviética de Zeigarnik: (1) esta é essencialmente pautada em critérios qualitativos enquanto aquela em critérios predominantemente quantitativos; (2) esta obtém seus conhecimentos sobre as condições de saúde das pessoas pelo método experimental, enquanto aquela os obtém, sobretudo, de relatos que partem da introspecção dessas pessoas, rebatidos sobre uma norma estatística e/ou estandarizada; (3) esta, a rigor, tem uma atitude mais explicativa (no sentido vigotskiano de “genético-causal”); enquanto aquela tem uma atitude mais descritiva, coleta conjuntos de manifestações externas e as correlaciona estatisticamente; (4) quando fala das patologias, esta as trata em termos de circunstâncias sistêmicas disfuncionais, como disfunções de memória, de pensamento, de atenção, de linguagem, etc, enquanto aquela trata as patologias como quatro nosológicos categorizados de modo mais ou menos isolado uns dos outros e quase que ontologizados, como “esquizofrenia”, “bipolaridade”, “histeria”, etc. Penso que para uma clínica condizente com os princípios da psicologia vigotskiana tais diferenças sejam, ao menos, dignas de nota e sirvam como pistas para um trabalho por desenvolver – tendo em vista, quem sabe, o dito emblemático de Thomas Mann de que “não é mais importante saber qual doença tem a pessoa, mas qual pessoa tem a doença” – e a pessoa só existe em suas relações com as outras.

c) o problema das emoções

Um dado relevante sobre a trajetória de Vigotski nem sempre lembrado por todos os seus comentaristas é o de que ele "não estudou exclusivamente o desenvolvimento cognitivo, mas devotou muito tempo a uma análise do desenvolvimento emocional e estava convencido de que as emoções e sentimentos são cruciais. Além do que, ele estava muito interessado nos processos de perda e desintegração que podem ocorrer em pessoas doentes (mentalmente)" (Valsiner e Van der Veer, 2000, p. 339-340)

Quanto ao tema das emoções cabe dizer que não se trata de novidade para vários pesquisadores brasileiros em psicologia social, como Silvia Lane, Bader Sawaia e Denise Camargo, Luiz Fernando Bonin entre outros, tanto quanto para autores cubanos como Fernando Rey. Não tenho a pretensão de resgatar aqui tais contribuições tampouco tenho delas domínio para fazê-lo. Focarei agora, apenas a título de ilustração, algumas "máximas" que considero relevantes do ponto de vista daquilo de que pude, até o momento, me apropriar do aporte vigotskiano nesse campo e em seguida algumas curiosidades que tenho para investigação posterior.

Em primeiro lugar, cabe destacar que a afetividade é um aspecto da consciência tanto quanto o é a cognição (como coloca Rubinstein), de modo que o conceito de consciência em autores como Vigotski e seus colaboradores mais próximos está longe do racionalismo clássico tanto quanto do cognitivismo contemporâneo. A isso está ligado o fato, nem sempre muito abordado de que, tanto quanto para Freud, para Vigotski "não há emoções inconscientes" (algo tratado no livro "A imaginação e a arte na infância") – o que pode não estar acessível à consciência é o motivo da emoção, mas ela própria não deixar de estar acessível. O que não estou sentindo não sinto, só posso sentir o que estou sentindo. Ainda que eu não tenha como nomear exatamente o que é sinto que está ali. Uma emoção que não se sente não há de ser exatamente emoção.

Outro ponto fundamental para psicologia vigotskiana é o de que as emoções têm um desenvolvimento, uma gênese – questão de coerência com os princípios metodológicos da teoria. O estudo deste desenvolvimento, certamente pode ser aportado a partir de uma matriz epistemológica próxima, mediante os trabalhos de Henri Wallon (outro tópico para discussão posterior). Resta dizer que as emoções entram num jogo funcional com a linguagem e a organização sistêmica das funções mentais, sobretudo quando pensamos o conceito de "sentido" na obra de Vigotski,

e/ou o de “sentido pessoal” no trabalho de Leontiev. O sentido, tanto quanto o significado, com o qual se relaciona mas não se identifica, é um aspecto constitutivo da linguagem humana.

Quanto ao que, no momento antevejo como um campo que me gera curiosidade, no que toca à teoria das emoções, posso destacar meu interesse pela obra de Espinosa, sobretudo o livro III da Ética, que trata sobre a “origem e natureza da afecções”. Espinosa, segundo Leontiev, era o “filósofo preferido de Vigotski”, e tinha uma concepção peculiar sobre a natureza das paixões, dizia por exemplo que uma paixão não pode ser superada pela razão, mas apenas por outra paixão. Diferenciava no entanto as paixões tristes (nas quais a alma passa de um estado mais elevado para um menos elevado) das alegres (nas quais a alma passa de um estado menos elevado a um mais elevado). Em sua Ética, evidentemente, destaca a necessidade da alegria prevalecer, pois a alegria corresponde à ampliação da potência humana para agir, para relacionar-se com os demais, para compor-se com o mundo.

Vigotski, por sua vez, dizia seguir pessoalmente os princípios éticos de Espinosa de modo que procurava diante dos fatos não se assombrar e agir com serenidade “não rir, nem chorar, mas compreender”. Na minha incipiente interpretação creio que o problema não esteja exatamente no riso ou no choro como tais, mas naquilo que eles indicam, pois a compreensão também pode conduzir ao riso (bom humor) ou à lágrima (a catarse diante de uma obra de arte). Desconfio que essa compreensão que “não ri, nem chora” não seja exatamente uma atitude puramente racionalista diante da vida, mas antes uma atitude que visa a predominância das paixões alegres. Outro questionamento que devo acrescentar refere-se à relação entre razão e emoção. Se é verdade que a razão não pode vencer uma paixão, também é verdade que a própria razão pode “converter-se em paixão” – algo que derivo da reflexão vigotskiana sobre o jogo, a qual também remete a Espinosa: “no jogo uma idéia se converte em paixão”; “uma regra se converte em desejo”.

Além dessas questões enumeradas aqui de modo assistemático, quase que em “brain-storm”, interessa-me particularmente o estudo das “definições das afecções” feitas por Espinosa no livro III, as quais seriam de se tratar à moda vigotskiana, no sentido da sua ontogênese e sócio-gênese. Aqui vai a lista completa dos termos tratados nessas definições:

Numeração tal como na Ética	Termo em português	Termo latino
I	DESEJO	Cupiditas
II	ALEGRIA	Laetitia
III	TRISTEZA	Tristitia
IV	ADMIRAÇÃO	Admiratio
V	DESPREZO	Contemptus
VI	AMOR	Amor
VII	ÓDIO	Odium
VIII	INCLINAÇÃO	Propensio
IX	AVERSÃO	Aversio
X	ADORAÇÃO	Devotio
XI	IRRISÃO	Irrisio
XII	ESPERANÇA	Spes
XIII	MEDO	Metus
XIV	SEGURANÇA	Securitas
XV	DESESPERO	Desperatio
XVI	CONTENTAMENTO	Gladium
XVII	REMORÇO	Conscientiae Morsus
XVIII	COMISERAÇÃO	Commiseratio
XIX	FAVOR	Favor
XX	INDIGNAÇÃO	Indignatio
XXI	ESTIMA	Existimatio
XXII	DESESTIMA	Despectus
XXIII	INVEJA	Invidia
XXIV	MISERICÓRDIA	Misericordia
XXV	CONTENTAMENTO	Aquiescentia in se ipso
XXVI	HUMILDADE	Humilitas
XXVII	ARREPENDIMENTO	Poenitentia
XXVIII	ORGULHO	Superbia
XXIX	DESESTIMA	Abjectio
XXX	GLÓRIA	Gloria
XXXI	PUDOR	Pudor
XXXII	DESEJO FRUSTRADO	Desiderium
XXXIII	EMULAÇÃO	Emulatio
XXXIV	RECONHECIMENTO OU GRATIDÃO	Gratia seu Gratitude
XXXV	BENEVOLÊNCIA	Benevolentia
XXXVI	CÓLERA	Ira
XXXVII	VINGANÇA	Vindicta
XXXVIII	CRUELDADE OU FEROCIDADE	Crudelitas seu Saevitia
XXXIX	TEMOR	Timor
XL	AUDÁCIA	Audácia
XLI	PUSILANIMIDADE	Pusillanimitas
XLII	CONSTERNAÇÃO	Consternatio
XLIII	CIVILIDADE OU MODÉSTIA	Humanitas seu Modéstia
XLIV	AMBIÇÃO	Ambitio

XLV	LUXÚRIA	Luxuria
XLVI	EMBRIAGUEZ	Ebrietas
XLVII	AVAREZA	Avaritia
XLVIII	LUBRICIDADE	Libido

d) o problema do inconsciente

Dentro de uma abordagem histórico-cultural e/ou sócio-histórica, além de um texto metodológico do próprio Vigotski sobre “A psique, a consciência e o inconsciente”, e outras alusões deste autor ora ao inconsciente como meta-conceito (em “A crise da psicologia”) ora especificamente como “inconsciente reprimido” (em “pensamento e linguagem”), só encontrei até agora dois outros trabalhos que tratam diretamente desse tema: um do russo Bassin, pautado sobretudo na contribuição de Uznadze, e outro do americano Carl Ratner – os quais menciono também apenas a título de partilha de informações mas que não tenho como discutir aqui. Gostaria apenas de registrar e socializar algumas anotações que fiz, por conta própria, sobre o que, em 2004, chamei de “o problema do inconsciente numa abordagem histórico cultural” e que organizei em vários tópicos dentre os quais apresentarei quatro: (1) sobre as relações entre inconsciente e controle; (2) sobre a imanência dos aspectos não conscientes do psiquismo à própria consciência; (3) sobre o inconsciente reprimido como consciência não oficial; (4) sobre o problema da “perlaboração”. Nessa época eu escrevia que “a formulação do problema do inconsciente no seio de uma abordagem histórico-cultural solicita uma inversão tão profunda quanto aquela operada por esta vertente com relação ao problema da consciência. Embora Vigotski não tenha sido o único nem o primeiro, ele está inegavelmente entre os grandes pensadores em psicologia que proporcionaram uma verdadeira virada copernicana neste campo de conhecimento: a psicologia não deve mais partir dos processos mentais do indivíduo para compreender a formação das relações sociais nas quais ele se insere, mas das relações sociais para compreender a gênese do próprio indivíduo e de sua consciência. Com relação ao problema da consciência devemos partir de uma hipótese que opere com uma virada da mesma envergadura”. Para acessar os quatro tópicos a que me referi e que tentam esboçar algo sobre essa necessidade de virada, veja o anexo 2.

VER ANEXO 2

4) A INTERPRETAÇÃO NO HORIZONTE DA DIALOGIA

Penso que o problema da perlaboração, quarto tópico dentre os expostos logo acima, seja correlato ao da interpretação e/ou compreensão (no sentido bakhtiniano do termo (ou seja o da compreensão como produção de um réplica à palavra do outro, a qual se dá como a constituição de uma “contra-palavra”) e este, por sua vez, implica necessariamente o tema da dialogia, das relações dialógicas. Alguém que tem explorado a análise das relações dialógicas no *setting* terapêutico é o finlandês Mikael Leiman, cujo trabalho nos faz notar entre outras questões importantes a diferença entre o modelo triádico de signo presente em Bakhtin (e também em Vigotski) em contraponto ao modelo triádico de Saussure (também adotado por Jacques Lacan). Não temos espaço aqui, nem acúmulo anterior, para explorar melhor estas contribuições. Mas deixo, a título de encerramento deste nosso trabalho, e como convite ao diálogo, algumas palavras de um texto meu de 2000, que toca o problema da interpretação:

Para Vigotski, consonante com a tradição marxista, interpretar o mundo implica transformá-lo, e não apenas contemplá-lo passivamente. Em sua décima primeira tese contra Feuerbach, Marx diz que “os filósofos se limitaram a *interpretar* o mundo diferentemente, cabe *transformá-lo*” (Marx, 1978 – p. 53).

Mas aqui poderíamos dizer que “interpretar”, num sentido mais radical, também é transformar – porque interpretar não pode ser apenas contemplar passivamente. Aquilo a que cabe apenas uma passiva e silente contemplação não é objeto de interpretação mas de devoção mística. Se os filósofos interpretaram de diferentes modos o mundo é porque participavam também de práticas que construíam as relações sociais de diferentes modos. A interpretação constrói coisas porque é travessia, é construção e trabalho, e não um simples desvelamento, como se todas as verdades do mundo já estivessem prontas e definidas sob o véu de nossa ignorância. Há uma poesia que diz de um menino que sonhava levantar a água de um rio como um véu, para ver as maravilhas que estariam por baixo. No entanto, se ele realizasse seu sonho, ao tirar o véu talvez se decepcionasse, pois já não haveria mais rio, nem maravilhas a serem encontradas. As maravilhas e perigos de um rio encontram-se no seu próprio fluxo, e a interpretação também só é possível no fluxo, na força das águas, no perigo da correnteza – enquanto fazemos nossa travessia. (Delari, 2000, p. 215),

São estes os fragmentos, agradeço sua atenção e aguardo uma réplica crítica.

DELARI JR., A. **Consciência e linguagem em Vigotski**: aproximações ao debate sobre a subjtiividade. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2000.



SOBRE O AUTOR

Achilles nasceu no interior do Paraná, na cidade de Umuarama em 29 de janeiro de 1969. Estudou em escolas públicas como o Souza Naves e o José Balan. Graduiu-se em psicologia pela UFPR, concluindo a licenciatura em 1990 e a formação de psicólogo em 1993. De 1992 a 1994 lecionou, como professor concursado, no Instituto de Educação do Paraná. Posteriormente ingressou no mestrado em educação na Unicamp, na área de “psicologia educacional” mais tarde renomeada como “educação, conhecimento, linguagem e arte”, defendendo sua dissertação em 2000, com o título “Consciência e linguagem em Vigotski: aproximações sobre o tema da subjetividade”. De 1996 a 2001 foi professor do departamento de psicologia da Unimep, em Piracicaba. Em 2001 retornou a Umuarama onde vive hoje, buscando constituir outras possibilidades de inserção social e atividade profissional.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

E-MAIL: delari@uol.com.br
MSN: achilles_delari@hotmail.com
SITE: <http://sites.uol.com.br/delari>
PARTILHA: http://www.scribd.com/textos_partilhados